

fácil acesso e isoladas das demais áreas demográficas. Para muitos dos indivíduos desses grupos o espanhol é desconhecido; quando não o é de todo, só o utilizam para transações econômicas com outros grupos. A seleção de grupos para estudo no presente trabalho foi feita com base preferencial na importância lingüística, quer dizer, segundo o número de indivíduos monolíngues que habitam o Estado. (7.º Censo Geral da População, Ano de 1950).

Os grupos indígenas estudados foram os Nahuas, os Totonacos, os Huastecos, os Otomies, os Popolucas. De cada grupo foram observados 100 indivíduos normais de um e outro sexo. As medidas antropométricas foram tomadas de acordo com a técnica de Martin e na elaboração estatística dos dados foram calculados: a média aritmética, o desvio-padrão, o coeficiente de variação e o erro provável, além do coeficiente de divergência tipológica, de Pearson.

Os caracteres fisiológicos observados foram a temperatura (sublingual), o número de pulsações e a tensão arterial. Dentre os caracteres descritivos foram anotados: cor e tipo do cabelo, cor dos olhos, cor da pele, pilosidade.

Dos caracteres antropométricos, foram considerados: estatura, peso, índice corporal de Livi, altura tronco-cefálica, índice tronco-estatura (Giuffrida-Ruggeri), perímetro torácico, índice vital, diâmetro bi-crística, índice largura do tronco, comprimento da coxa, comprimento da perna, índice membral inferior, comprimento do braço, comprimento do antebraço, índice membral superior, e mais os seguintes dados cefalométricos; diâmetro ântero-posterior e transversal máximo da cabeça, índice cefálico horizontal, altura da cabeça, índice cefálico vertical, diâmetro frontal mínimo, índice fronto-parietal, diâmetro bi-zigomático, índice céfalo-facial, diâmetro bi-goniaco, altura facial fisiognômica, índice facial fisiognômico, altura facial morfológica, índice facial morfológico, altura facial superior, altura do nariz, largura do nariz e índice nasal.

Analisadas as semelhanças e divergências entre os diferentes grupos e calculado o coeficiente de divergência tipológica (Pearson, Pearl), foram organizados mapas correspondentes à distribuição geográfica dos resultados obtidos para os diferentes grupos.

Termina o texto com a comparação dos diferentes grupos e as considerações finais se resumem na assertiva de que os grupos do norte do Estado divergem grandemente da população da região central, mas apresentam afinidades com os grupos humanos da região ao sul do Estado de Veracruz. As diferenças da região central correm por conta de invasões, em tempos pré-hispânicos, de grupos Nahuas, sobre os quais se realizou a mestiçagem mais intensa, característica da região.

*Maria Júlia Pourchet*

PAULO DE CARVALHO NETO: *La obra afro-uruguaya de Ildefonso Pareda Valdés. Ensayo de Crítica de Antropología Cultural*. 141 págs., ilustr. Centro de Estudios Folklóricos del Uruguay. Montevideo, 1955.

Advogado, jornalista e poeta, começou Valdés por interessar-se pela poesia negra do Rio da Prata, sendo levado a pesquisar o folclore regional; passou em seguida ao estudo de problemas de racismo e finalmente a ensaios de etnografia em geral. Seus trabalhos nesse setor se iniciam

por volta de 1929; até então, no Uruguai, “ninguém conhecia essas questões pela forma que êle as tratava”; foi orientado em suas pesquisas “sobretudo pela leitura de cientistas brasileiros — Nina Rodrigues e Artur Ramos” (pág. 21). Seus principais trabalhos de folclore e etnografia (pois como poeta e ensaísta, fora desses setores, sua obra é muito vasta) são: “El Negro Rioplatense y otros ensayos” (1937); “Linea de Color” (1938); “Negros Esclavos y Negros Libres”. Escritos não só com intuito científico, mas também com vistas à divulgação, tiveram, sob êste aspecto, indiscutível êxito.

São êstes os quatro livros que Carvalho Neto analisa e critica, seguindo Valdés passo a passo, apontando lacunas e falhas. Mas ao mesmo tempo completa-os indicando obras que expressem mais claramente o que Valdés não soube desenvolver; localizando fontes e dados, pois Valdés, como muitos autodidatas, não tinha o hábito da citação precisa; comparando as traduções com as fontes para apontar as liberdades poéticas tomadas com os textos. Mostra assim o crítico não somente um conhecimento profundo das obras analisadas, mas também a familiaridade com vasta bibliografia estrangeira. O á-vontade com que se refere a historiadores e antropólogos brasileiros dá bem uma noção de sua cultura nesse setor.

Poeta de talento, Valdés não conseguiu evitar que sua obra se ressentisse tanto da visão poética das coisas, quanto de suas convicções marxistas, que lhe comprometem a objetividade dos trabalhos. Alguns de seus ensaios sôbre assuntos negros brasileiros, por exemplo, “ultrapassam todos os outros, até agora, em matéria de estilização literária” e neles a divulgação que Valdés pretendia “se revestiu de forma lírica” (pág. 55). Nos artigos sôbre o problema negro nos Estados Unidos, Valdés “retoma os clamores de suas convicções políticas” (pág. 72).

Revelam as obras de Valdés a grande influência da Antropologia Cultural brasileira nos autores uruguaios; e se Valdés teve como principais inspiradores a Nina Rodrigues e Artur Ramos, o seu crítico, conhecedor que é dos estudos brasileiros, lamenta não tenha êle conseguido a objetividade dos antropólogos brasileiros que o inspiraram.

A crítica é, sem dúvida, exaustiva, embora dirigida quase unicamente para a correção dos dados e a localização das fontes; quando se apontam os quadros de referência com que Valdés encarou a realidade, é apenas para mostrar a pouca objetividade, e nunca para discutir a validade dos pontos de apôio. Falta, também, a síntese das principais direções do pensamento de Valdés e a localização de sua obra no contexto dos estudos antropológicos uruguaios. No entanto, o livro é de indiscutível utilidade para quem necessite recorrer à obra de Valdés, pois nele encontrará as informações suplementares para preencher as lacunas devidas à falta de formação científica dêste precursor.

*Maria Isaura Pereira de Queiroz*

THALES DE AZEVEDO: *O Catolicismo no Brasil*. 70 págs. Os Cadernos de Cultura. Ministério de Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1955.

A objetividade dêste trabalho, que é testemunho a um tempo fidedigno e desapassionado, em nada ficou prejudicada pela formação cató-